

OUT 2026

INSIGHTS

A crise na fronteira de Ceuta é uma questão de geopolítica, não apenas de migração

ELABORADO POR
Khaoula El Khalil

TRADUÇÃO REVISADA POR
Filipe Prado Macedo da Silva



A crise na fronteira de Ceuta é uma questão de geopolítica, não apenas de migração¹

Khaoula El Khalil*

De acordo com uma [resolução do Parlamento Europeu](#), adotada em junho de 2021, a polícia marroquina flexibilizou temporariamente os controles na fronteira de Ceuta, enclave espanhol de cerca de 83 mil habitantes localizado na costa do Norte da África, e deixou de impedir a entrada de milhares de pessoas no território.

A resolução relata que aproximadamente 9 mil pessoas entraram em Ceuta em maio daquele ano, entre elas, ao menos 1.200 crianças desacompanhadas. O episódio ocorreu poucos dias depois de a [Espanha ter autorizado a entrada do líder da Frente Polisário para tratamento médico](#).

Brahim Ghali lidera o movimento que reivindica a independência do Saara Ocidental, antiga colônia espanhola que Marrocos considera parte de seu território e uma questão prioritária de sua política externa. Por essa razão, o governo marroquino interpretou como uma traição a decisão da Espanha de receber Ghali para tratamento médico e, em resposta, [convocou de volta sua embaixadora em Madrid](#).

Em março de 2022, o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, rompeu com quatro décadas de neutralidade da Espanha sobre a questão e [passou a apoiar o projeto de autonomia proposto por Marrocos para o Saara Ocidental](#).

Esses acontecimentos constituem o precedente mais próximo para compreender o que ocorreu, anos depois, na mesma fronteira, em 31 de julho de 2026.

Novo influxo de marroquinos

Naquele dia – em 31 de julho de 2026 – dezenas de milhares de pessoas chegaram a Ceuta, por mar e por terra, vindas de Marrocos. As estimativas variaram: a Espanha calculou cerca de 50 mil chegadas; o governo regional de Ceuta, 60 mil; e Marrocos, 40 mil. Segundo as autoridades espanholas, [pelo menos 72 pessoas morreram](#), a maioria afogada. Marrocos registrou [11 mortes](#), enquanto a Associação Marroquina de Direitos Humanos afirmou que [quase 130 pessoas morreram](#).

O presidente dos EUA, Donald Trump, classificou as travessias como uma “invasão”. Ao mesmo tempo, comentaristas nas redes sociais levantaram a hipótese de que os EUA e Israel teriam incentivado Marrocos a pressionar o governo espanhol, que [se tornou um dos críticos mais contundentes de Israel na Europa](#).

Uma verificação de fatos feita pela *Associated Press*, contudo, [não encontrou evidências](#) que sustentassem tal alegação.

A maioria das pessoas que atravessou a fronteira retornou rapidamente. Em poucas horas, a Espanha informou que [48.300 pessoas haviam retornado](#) a Marrocos, e grande parte das demais fez o mesmo nos dias seguintes. O comissário europeu para Migração, Magnus Brunner, afirmou que [nenhuma delas havia chegado à Europa continental](#).

A questão mais relevante, assim, é compreender por que episódios como esse continuam ocorrendo em Ceuta.

Enclaves espanhóis na África

Ceuta e Melilla, ambas localizadas na costa Norte da África, estão sob controle espanhol há séculos. A [pesquisa do acadêmico espanhol Xavier Ferrer-Gallardo mostra](#) que a Espanha tratou historicamente os enclaves como parte de seu território, e não como colônias. Segundo o autor, essa distinção contribuiu para que o país mantivesse o controle sobre esses territórios depois que [a França abriu mão de seu controle sobre Marrocos em 1956, quando o mesmo se tornou um Estado soberano](#).

A situação desses territórios, no entanto, continua sendo objeto de disputa. Um estudo de 2025, publicado no [Journal of Immigrant and Refugee Studies](#), descreve os enclaves como uma questão colonial ainda não resolvida. Marrocos também tentou repetidamente, mas sem sucesso, incluí-los na lista das Nações Unidas de territórios que ainda aguardam descolonização.

“Diplomacia migratória” e o Saara Ocidental

Uma disputa territorial não desaparece simplesmente porque não pode ser resolvida nos tribunais. Em vez disso, ela pode assumir outras formas.

Alguns estudiosos denominam tal fenômeno de “[diplomacia migratória](#)”: o uso do controle sobre os fluxos migratórios como instrumento para obter concessões políticas. Ceuta é particularmente vulnerável a tal estratégia. A Espanha depende de Marrocos para controlar uma fronteira europeia, embora o próprio Marrocos reivindique o território situado do outro lado dessa fronteira. Poucas fronteiras europeias exibem uma configuração semelhante.

A principal disputa territorial de Marrocos, entretanto, não envolve Ceuta ou Melilla. Ela diz respeito ao [Saara Ocidental, antiga colônia espanhola que as Nações Unidas ainda classificam como um território que aguarda descolonização](#). Desde 2007, Marrocos propõe conceder autonomia ao território, mas sob soberania marroquina. A Argélia, por sua vez, apoia a independência do Saara Ocidental.

Nos últimos anos, a posição marroquina tem conquistado crescente apoio internacional. Em dezembro de 2020, Trump [reconheceu a soberania marroquina](#) sobre o Saara Ocidental. Em 2022, a Espanha apoiou o plano de autonomia apresentado por Marrocos, enquanto Israel reconheceu a soberania marroquina sobre o território em 2023.

Em outubro de 2024, o presidente francês Emmanuel Macron [afirmou, diante do Parlamento de Marrocos](#), que o futuro do território deveria estar vinculado à soberania marroquina. O Reino Unido adotou posição semelhante em 2025.

Em 31 de outubro de 2025, o Conselho de Segurança das Nações Unidas adotou a [Resolução 2797](#), apoiando negociações baseadas no plano de Marrocos e considerando a autonomia sob soberania marroquina o desfecho mais duradouro para o Saara Ocidental. Marrocos declarou a data feriado nacional.

O que foi diferente em 2026

O que, então, levou aos acontecimentos de 31 de julho?

No início daquele mês, o Supremo Tribunal da Espanha decidiu que pessoas interceptadas no mar em direção a Ceuta [não poderiam ser imediatamente devolvidas](#). A situação de cada pessoa deveria ser avaliada separadamente.

A decisão não concedia a ninguém o direito de permanecer em Ceuta. No TikTok, Facebook e WhatsApp, [circularam rumores falsos](#) de que a fronteira estava aberta e de que seria fácil obter documentos. Esses rumores se baseavam no [programa espanhol de regularização anunciado em abril](#), que se aplicava apenas às pessoas que já residiam no país.

Outro elemento importante está relacionado à economia local. Em dezembro de 2019, Marrocos fechou a [passagem fronteiriça de Bab Sebta](#) – próxima a Ceuta – encerrando o comércio informal que sustentava milhares de pessoas na região de Fnideq.

A alfândega marroquina estimava que esse comércio movimentava entre € [550 milhões e 750 milhões por ano](#). Mais de [9 mil pessoas dependiam dessa atividade](#), enquanto o desemprego no distrito de M'diq-Fnideq já alcançava 18%.

Uma nova zona de livre comércio deveria substituir essa atividade econômica, mas [apenas 55 empresas haviam aderido à iniciativa até o final de 2023](#).

Ocultando as verdadeiras questões

Por estar localizada na África, Ceuta não integra o [Espaço Schengen de livre circulação](#). Durante a crise, a Comissão Europeia [deixou evidente](#) que as pessoas que chegassem “irregularmente” a Ceuta não poderiam simplesmente seguir de barco ou avião para a Europa continental.

Classificar tais travessias como uma “invasão”, portanto, acaba ocultando questões mais importantes. Essa interpretação desvia a atenção do *status* disputado de Ceuta, da crise econômica de Fnideq e das políticas espanholas de regularização, deslocando o debate para questões relacionadas a cercas, fronteiras e segurança.

Como argumentou o acadêmico neerlandês [Hein de Haas](#), narrativas dramáticas sobre a migração podem obscurecer suas verdadeiras causas. Além disso, no primeiro semestre de 2026, as travessias irregulares para a União Europeia (UE) [caíram 37%](#) – números que dificilmente poderiam ser associados à ideia de uma invasão.

A crise também levanta questões que a Europa ainda não enfrentou plenamente. Por que uma fronteira europeia está situada em território africano? E por que a disputa envolvendo Ceuta e a colonização espanhola permanece sem solução há tanto tempo?

O que aconteceu em julho não foi uma invasão. Foi o resultado da combinação entre uma fronteira disputada, uma economia local fragilizada e os rumores falsos sobre a política espanhola. Dezenas de pessoas morreram afogadas no espaço existente entre a realidade desses fatos e a palavra utilizada para descrevê-los.

¹Este artigo foi originalmente publicado, em inglês, no [The Conversation](#). Tradução revisada por Filipe Prado Macedo da Silva (Líder do “[Conexão Bruxelas](#) | Grupo de Estudo sobre Europa e União Europeia”).

*Doutoranda em Ciência Política no *McGill University* (Canadá).